

A maior zona eleitoral do país

Adriana Lorete

Equipe garante acabar contagem de votos na 5ª

Nani Rubin

Na 13ª Zona Eleitoral do Rio de Janeiro, a maior do país e da América Latina, com 389.583 eleitores cadastrados para votar em 813 seções (59 a mais do que na eleição do ano passado), cinco mil mesários estarão a postos amanhã, dia da eleição, e 700 pessoas envolvidas na apuração vão trabalhar para terminar a contagem dos votos até a madrugada de quinta-feira. O chefe do cartório da 13ª ZE, Jorge José Ávila Primo, 54 anos, e há 28 funcionário do TRE, garante que será uma das mais rápidas apurações da história daquela Zona.

Há duas semanas, nove funcionários do Tribunal Regional Eleitoral e sete voluntários trabalham exaustivamente para organizar a votação e apuração. Acostumados aos mosquitos que infestam a Barra da Tijuca, eles não se intimidaram com as enormes filas que se formam diariamente à sua porta, compostas de retardatários em busca do título. "Eleitor é mole. Mosquito aqui é pior, não sai de cima", diz Mário César Tavares, 32 anos, há quatro voluntário da 13ª.

Também não assusta o elevado número de votos de moradores de 12 bairros, como Madureira, Jacarepaguá, Realengo, Cascadura, Barra e Recreio. "Queremos terminar às 2h de quinta-feira", planeja o chefe do cartório, que há 25 anos trabalha na 13ª ZE. Ele ampara sua previsão na boa performance obtida em eleições anteriores e na experiência do pessoal recrutado, como a advogada Gildete Lemos Caputo, pela terceira vez trabalhando na apuração da 13ª e "pronta para varar a noite". Ávila é o primeiro a impor o ritmo neste final de cam-



Jorge trabalha 16 horas e garante a rapidez da equipe

nha, chegando diariamente às 6h30. "A gente trabalha 25 horas por dia", exagera o sargento Valentim, do 18º batalhão da Polícia Militar, cedido anualmente à 13ª zona em época de eleição.

Realista — "Vinte e seis horas", extrapola Mauro César Louzada da Costa, 32 anos, motorista profissional licenciado, marido da funcionária Maria Auxiliador Nese e voluntário por amizade a Ávila. É Ávila, aliás, que dá um tom mais realista à questão: "Estamos trabalhando 15, 16 horas por dia". Ele é também autor de um aviso escrito a mão e pregado na ante-sala do juiz Hamilton Lima Barros: "A informação ao eleitor deve ser feita de modo claro e objetivo para evitar dúvidas e reclamações". A orientação é seguida à risca. Valentim atende um telefonema atrás do outro: um eleitor tem medo de votar na Escola Bertano Ro-

cha, na Cidade de Deus. "Estão falando em guerra de quadrilhas", avisa, receoso.

Logo depois é um mesário doente — "doença contagiosa, não vou poder trabalhar" —, um eleitor querendo saber se pode votar de calção, uma mulher procurando o marido, escalado para trabalhar como escrutinador. "Se ele passar por aí, diz que a esposa precisa dele na maternidade", pede. No clima nervoso, que mistura pressa e expectativa de deixar tudo pronto até amanhã — o que inclui entregar cerca de oito mil títulos até a meia-noite de hoje — o pedido de manter a porta da sala do juiz fechada, por causa do ar condicionado, não consegue ser obedecido. Ávila é um dos que mais vão e voltam por ela, agitado e emocionado com o acontecimento, saudosos do tempo em que era normal votar para presidente, como fez em 1955, quando escolheu Juscelino e em 1960, quando votou em Jânio Quadros.